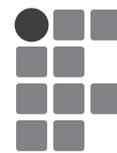


CONCURSO
— VESTIBULAR —



**INSTITUTO
FEDERAL**
Fluminense

2019/1º SEMESTRE

2ª Fase

REDAÇÃO

CADERNO-PROPOSTA

ORIENTAÇÕES

Caro(a) Candidato(a),

Nesta etapa, sua prova está organizada em dois cadernos:

1 – Caderno-proposta de Redação: Contém **duas** propostas de redação para que você **escolha uma**. Quanto à redação, você encontrará uma coletânea que tem a finalidade de avaliar sua capacidade de leitura e sua habilidade no tratamento das informações apresentadas. Assim, a consideração desses textos poderá auxiliá-lo, mas você **não** deve, simplesmente, copiar frases ou partes deles, sem que essa transcrição esteja a serviço de seu projeto de redação.

2 – Caderno-resposta de Redação:

- Contém duas páginas – uma para rascunho, outra para seu **texto definitivo**.
- Escolha uma das modalidades discursivas (texto dissertativo argumentativo ou carta argumentativa) e, conforme as instruções específicas para cada uma, desenvolva a proposta temática apresentada nesta prova e, no alto da página, marque com um (X) a opção escolhida.
- Seu texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou ser representado por desenhos, símbolos ou outros. Qualquer que seja a modalidade escolhida por você, considere o tema e os tipos de textos propostos, desenvolvendo-os de acordo com a norma culta.
- Lembre-se de que a fuga ao tema e ao tipo de texto implicará a anulação de sua prova.
- Se optar pelo texto dissertativo-argumentativo, dê a ele um **título criativo**. Caso escolha a carta argumentativa, ao final, **coloque apenas suas iniciais**, de modo a não se identificar.
- A versão final de sua redação deve ser transcrita para a folha de resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul e letra legível**.

Escreva, na capa e em cada folha do caderno-resposta, seu **número de inscrição**. **NÃO** pode em hipótese alguma **constar o seu nome**.

O candidato que desejar levar o caderno proposta de redação só poderá fazê-lo se permanecer na sala até **30 minutos (trinta minutos)** antes do prazo definido para o término da prova, ou seja, até as **10h**.

Os candidatos aos Cursos de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia em *Design* Gráfico e Licenciatura em Música só poderão levar o caderno-proposta de redação se permanecerem em sala até as **10h30min**.

O recente e trágico episódio do incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em setembro deste ano, suscitou inúmeras reflexões em torno das perdas simbólicas que tal episódio representa, além de abrir um amplo debate acerca da maneira como a sociedade brasileira, de um modo geral, lida com a sua memória. Tais questionamentos constituem temas instigantes para uma discussão.

TEXTO I

Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp.

Olga Rodrigues de Moraes VON SIMSON

Faculdade de Educação e
Centro de Memória da UNICAMP

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.).

Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.

Há também aquilo que denominamos de memória coletiva que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

Como contrapartida, ou outro lado da moeda, existem as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergam e possam então ser registradas, analisadas e passem então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade. Elas

geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passados de geração a geração.

Na sociedade ocidental atual, o ritmo acelerado do trabalho urbano somado à facilidade e rapidez dos meios de comunicação (criados pelos constantes avanços tecnológicos) colocam o homem comum frente a uma quantidade avassaladora de informações. Tais fatos criam para o homem contemporâneo quase a obrigação de consumir a informação de forma acrítica, sem maior cuidado seletivo, perdendo-se, portanto, uma das mais importantes funções da memória humana – a capacidade seletiva – que é o PODER de escolher aquilo que deve ser preservado, como lembrança importante e aqueles fatos e vivências que podem e devem ser descartados. A perda do exercício desse poder de seleção nas sociedades atuais constitui o fator fundamental para a formação do que os profissionais da informação chamam de sociedades do esquecimento.

É verdade, nós não nos lembramos de tudo o que aconteceu ou que nos foi ensinado ao longo de nossa vida. Descartamos a maioria das experiências vivenciadas e só retemos aquelas que possuem significado, isto é, são funcionais para nossa existência futura. Yuri Lotman, um semiólogo falecido na segunda metade dos anos 90 [...], já dizia que cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer o seu poder de seleção realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras. [...]

Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>.

Acesso em: 07 out. 2018. Adaptado.

TEXTO II

O futuro que já não conheceremos

Juntamente com o Museu Nacional ardeu muita da nossa memória, nosso presente ficou mutilado e nos roubaram um futuro que agora nunca conheceremos.

Todos intuímos que algo muito importante se perdeu para a humanidade com o incêndio que destruiu o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Sendo biólogo e conhecendo as coleções científicas que abrigava, também compartilho uma raiva e

uma tristeza monumental com todas as pessoas com quem falei sobre o assunto, do eletricitista que está trabalhando na minha casa em Porto Alegre até meus colegas professores da universidade onde pesquiso e ensino Biologia. Todos concordamos que a perda do museu representa um exemplo muito claro e tangível de uma dinâmica tristemente cotidiana para os que vivemos no Brasil: somos traídos vilmente pelas instituições públicas responsáveis por cuidar do patrimônio da nação. No entanto, poucos conseguem entender todas as dimensões daquilo que perdemos.

Um museu atua em três frentes. Oferece um olhar para o passado, ou seja, um parâmetro para medir mudanças, uma escala de tempo. Também educa, no presente, sobre o mundo que nos rodeia, tanto o físico como o das ideias. E, principalmente, cria oportunidades para resolver problemas que ainda não somos capazes nem de imaginar. Ou seja: abre portas para o futuro desconhecido. E esse potencial, como é imprevisível, é sem dúvida a mais tremenda das perdas que sofremos no domingo passado.

[...]

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/08/opinion/1536430218_137357.html.

Acesso em: 07 out. 2018. Adaptado.

TEXTO III

O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado.

ELIANE BRUM

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

O crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobreviveram à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar para tentar salvar alguma coisa. O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

Brasil, é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. [...] Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.

As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. “Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. “Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. “A realidade é *Science Fiction*.”

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?

O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incineram lá dentro. E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo Federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouçõ então um chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: “Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: “O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

E o meteoro estava dentro do museu.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html.

Acesso em: 07 out. 2018. Adaptado.

TEXTO IV

Lágrimas portuguesas não apagaram as chamas do Museu Nacional

Gui Pacheco

A dor, quando estamos distantes, parece maior. Nunca tinha pensado nisso antes. A ideia de que a distância amortece os sentidos não é verdadeira. A distância gera na verdade uma sensação de impotência, como se não pudéssemos fazer nada pelo ocorrido. Digo isso a propósito da tragédia que destruiu o Museu Nacional, no Brasil. Muito já se escreveu sobre o incêndio, sob diferentes vieses e pontos de vista. Em comum, a inevitável metáfora de um país derretendo. Porém um dos textos mais interessantes que li sobre o tema veio exatamente de um dos maiores escritores portugueses contemporâneos e que possui fortes laços com o Brasil. Trata-se de Valter Hugo Mãe, que postou em sua página do *Facebook*, assim mesmo, tudo em minúsculas como é o estilo dos textos dele:

“acordo com a insuportável notícia da destruição do magnífico museu nacional do brasil, que é da ordem do absurdo. como pode ser descurada uma casa daquelas? uma casa que definia o brasil, definia a história do brasil. o museu nacional do brasil não pode arder. só em tempo de guerra, no grotesco que a guerra pode ser, coisas assim acontecem. fico com a impressão de que o brasil está em guerra consigo mesmo. meu abraço solidário a todos os que prestigiam o brasil e a sua cultura, e a todas as gerações futuras que se veem impedidas de aceder ao melhor do seu próprio património e tanta da sua memória. estou horrorizado”

E, de fato, a repercussão em Portugal foi gigantesca, graças às fortes ligações que o Museu tinha/tem em relação à história dos dois países. Era um pedacinho da história de Portugal que se perdeu. Era o palácio onde se instalou Dom João VI, quando levou a corte ao Brasil há mais de 200 anos, fugindo das invasões francesas, antes mesmo de ser museu. E a própria criação de um Museu Nacional do Brasil também foi obra dele. Diários da Imperatriz Leopoldina, móveis de Dom João VI, o trono do reino de Daomé, dado em 1811 ao príncipe regente Dom João e inúmeras obras, objetos e documentos compilados pela Família Real se perderam para sempre.

[...]

Quando lembram da História do Brasil vinculada à História de Portugal, brasileiros normalmente falam da exploração que os portugueses fizeram no Brasil,

“roubando” as nossas riquezas, como o nosso ouro que adorna as igrejas de Portugal. Infelizmente era assim que ensinavam os livros de História em que estudei, ainda da época da Ditadura Militar no Brasil. Já ouvi de brasileiros mais de uma vez que os culpados pelo nosso atraso são os portugueses. Como se duzentos anos depois da Independência ainda não tivéssemos conseguido nos libertar...

Um outro português amigo meu comparou o incêndio do Museu Nacional com os incêndios que atingiram várias áreas de Portugal no verão do ano passado. “Em Portugal morreram dezenas de pessoas e isso nunca mais sairá de nossas memórias. No Brasil, simplesmente queimaram-se as memórias...”.

Retomando as palavras do Valter Hugo Mãe, na guerra que o Brasil trava consigo mesmo, não haverá vencedor.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/portuguesices/lagrimas-portuguesas-nao-apagaram-as-chamas-do-museu-nacional>.

Acesso em: 08 out. 2018. Adaptado.

TEXTO V

Entrevista: Ecléa Bosi

Prof. emérito da Universidade de São Paulo (USP); possui graduação em Psicologia e mestrado e doutorado em Psicologia Social, ambos pela USP.

Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano

Por Mozahir Salomão Bruck¹

¹ Mozahir Salomão Bruck é doutor em Literatura pela PUC Minas e mestre em Comunicação pela UFRJ. É professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC Minas.

Em tom de apreço e reconhecimento a sua importante obra no âmbito das ciências humanas, a *Revista Dispositiva* apresenta nesta edição entrevista com a professora emérita da Universidade de São Paulo, Ecléa Bosi. Autora de vários livros como *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (já na 16ª edição), *Cultura de massa e Cultura popular – leituras de operárias*; *Simone Weil – a condição operária e outros estudos sobre a opressão e Velhos amigos*, Ecléa Bosi apresenta nesta entrevista reflexões importantes sobre passado e memória e aspectos da pesquisa de campo que se utiliza da memória oral. Na contramão da apologia da memória

exclusivamente depositada em dispositivos tecnológicos, Ecléa lembra que enraizar-se é um direito fundamental do ser humano e que a negação a esse direito tem consequências graves para a cultura e para a vida em sociedade. Entre tantos ensinamentos que a obra de Ecléa Bosi, professora de Psicologia Social da USP, já nos proporcionou vale destacar essa noção de que ao pesquisador cabe, além da sensibilidade e respeito ao ouvir, o compromisso de que aquilo que ele coleta do passado deve reverberar e fecundar o futuro. A entrevista a seguir foi feita por meio de uma conversa telefônica. Bosi teve o cuidado de solicitar antecipadamente as perguntas, preparando, gentilmente, um texto para respondê-las, que editamos a seguir em formato pergunta/resposta.

1. Começamos esta entrevista citando um pensamento de Walter Benjamin, mencionado em seu livro *Memória e sociedade – lembranças de velhos: a memória como uma faculdade épica por excelência*. A frase, além da força conceitual que abriga, nos coloca uma questão que atravessa toda a discussão acerca do memorialismo: inevitavelmente instalada em uma narrativa e sujeita a adequações (muitas vezes até inconscientes), falhas, reescritas, a memória não é, ao final, um processo e um objeto do tempo presente?

De fato, como sugere sua pergunta, a memória atende ao chamado do presente. Mas, teremos que transpor, muitas vezes, a enorme distância temporal entre o fato narrado pela testemunha e o acontecido. Experiência sempre muito difícil, devido às transformações ocorridas, sobretudo nas mentalidades. O passado, a rigor, é uma alteridade absoluta que só se torna cognoscível mediante a voz do nosso depoente, nosso narrador. Eu insisto sempre com meus alunos, na formação do pesquisador que vai entrevistar o seu memorialista: quando a narrativa dele é hesitante, cheia de silêncio, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que está escutando ou de preencher as pausas. Importante destacar que a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis. Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real. Oferece uma via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade. É muito belo escutar esse lembrar meditativo da testemunha. E nós

então compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente e ela se torna para nós uma verdadeira matriz de projetos.

2. Muito se fala que a contemporaneidade colocou em crise parâmetros importantes para o homem, como a relação com o tempo e com o espaço. Estando a memória indissociavelmente ligada à noção de tempo, pode-se afirmar que a memória hoje ganha novos contornos e processos? Quanto o tempo se torna tão fugidio, com o imediato sobrevalorizado, qual é a potência da memória em termos da nossas necessárias aprendizagem com o passado, o já vivido?

Esta é uma questão relevante para pensarmos a memória: qual versão de um fato deve ser considerada verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes do fato que está sendo narrado. Não temos, pois, o direito de refutar o fato contado pelo memorialista como se ele estivesse no banco dos réus, e dele exigir que nos diga a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, vai nos contar a sua verdade. Depois, na interpretação de uma colheita de lembranças, nós temos que pensar, como cientistas humanos que nós somos, em um projeto – que tipo de conhecimento estamos buscando e produzindo. Porque o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva. Nós, pesquisadores que recolhemos o passado, sabemos que ele é um dos mais difíceis e misteriosos dos conceitos. O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas porque se relacionam através de índices de significação comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. Esse intenso movimento de recuperação da memória nas ciências humanas se constitui hoje numa verdadeira moda acadêmica. O vínculo com o passado, que é vital, porque dele se extrai a seiva para a formação da identidade. Nesse sentido também está a noção de direito ao enraizamento, de Simone Weil, para quem este é um direito humano semelhante a outros direitos ligados à sobrevivência do homem.

3. Na contemporaneidade tão marcada, entre outras noções, pela ideia de desterritorialização, como entender esse direito ao enraizamento?

Eu aprecio muitíssimo esse conceito criado por Simone Weil para entendimento da cultura: o enraizamento. Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permite um enraizamento num dado espaço ou numa comunidade, mas este continua sendo um direito humano fundamental. Como dizia Simone Weil, o ser humano tem uma raiz por sua participação real numa coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças. Eu penso que os urbanistas, quando fazem projetos sobre as cidades, deveriam escutar os velhos moradores e estarem abertos a sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro. Eles estariam recuperando a dimensão humana do espaço, que é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo se liga estreitamente à morfologia da cidade e essa ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento. Há, nos habitantes do bairro, o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ver que anima a vida das ruas, das praças, dos mercados e das esquinas. E tudo isso se reflete bem nos depoimentos dos nossos memorialistas. Então, os pesquisadores devem ter a consciência de que uma história de vida que nós escutamos não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como coisa, existe para transformar a cidade onde ela floresceu.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/download/4301/4454>.

Acesso em: 08 out. 2018. Adaptado.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Proposta 1

Texto dissertativo-argumentativo

Após a leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo, em norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A importância da preservação da memória na construção da identidade coletiva

Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista, sempre respeitando os direitos humanos.

Proposta 2

Carta argumentativa

Os textos desta prova conduzem o leitor a uma reflexão acerca da importância da preservação da memória na construção da identidade coletiva. O texto V, em especial, aborda essa problemática na constituição das cidades. A partir da leitura dos textos e de seus conhecimentos prévios, escreva uma carta argumentativa para o representante da sua cidade – o Prefeito ou o Secretário de Cultura –, **conscientizando-o da importância dessa preservação e tentando persuadi-lo a investir na criação de um projeto de resgate da memória arquitetônica da sua cidade.**

Endereços dos Campi do IFFluminense

Campus Avançado Cambuci

Santo Antônio, Estrada Cambuci/ Três Irmãos, Km 5
Cambuci/RJ

Campus Avançado Maricá

Rua das Quintanilhas, N.º 438
(antigo IBEC - Instituto Batista de Educação e Cultura)
Maricá/RJ

Campus Avançado São João da Barra

BR 356 - Km 181 - Povoado Perigoso
São João da Barra /RJ

Campus Bom Jesus do Itabapoana

Avenida Dário Vieira Borges, N.º 235 - Lia Márcia
Bom Jesus do Itabapoana/RJ

Campus Cabo Frio

Estrada Cabo Frio/Búzios, s/N.º, Km 07 - Baía Formosa
Cabo Frio/RJ

Campus Campos Centro

Rua Dr. Siqueira, N.º 273 - Parque Dom Bosco
Campos dos Goytacazes/RJ

Campus Campos Guarus

Avenida Souza Mota, N.º 350 - Parque Fundão
Campos dos Goytacazes/RJ

Campus Itaperuna

BR 356, Km 3 - Cidade Nova
Itaperuna/RJ

Campus Macaé

Rodovia Amaral Peixoto, Km 164
Imboassica – Macaé/RJ

Campus Quissamã

Avenida Amílcar Pereira da Silva, N.º 727 - Piteiras
Quissamã/RJ

Campus Santo Antônio de Pádua

Avenida João Jazbich, s/N.º - Bairro Aeroporto
Santo Antônio de Pádua/RJ

Unidade de Formação de Cordeiro

Avenida Presidente Vargas, N.º 197 - Centro
(dentro do Parque de Exposição)
Cordeiro/RJ



**INSTITUTO
FEDERAL**
Fluminense